

## EPISÓDIO 48. DIÁLOGOS: UMA CONVERSA COM JOANNE LIU

*Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.*

**Joanne Liu** [00:00:00] Nas urgências do Hospital Saint-Justine, não é incomum que um jovem doente confie em mim. “Não quero mais viver”, ou “em todo o caso, não vou ter filhos”. Aos 12, 14 ou 16 anos, estes jovens perderam a esperança. Vêem que nós, adultos, desviamos os recursos do planeta e criamos um mundo cruel e injusto. Sentem-se presos num beco sem saída. Gostaria de convencê-los de que é melhor lutar pela mudança do que abdicar, que é melhor obter uma solução imperfeita do que uma solução zero. Esta é a abordagem que MSF adotou ao longo dos anos. É preciso agir, tentar, comprometer-se. Tudo menos desistir.

**Garry Aslanyan** [00:00:57] Bem-vindos aos Diálogos. Sou o Garry Aslanyan. Esta é uma série especial do podcast Global Health Matters. Nesta série, vou abrir algumas das câmaras de eco que existem na saúde global. Para me ajudar nesta busca, convidei indivíduos atenciosos e curiosos de diferentes esferas da vida. Cada um deles explorou e escreveu sobre questões globais de saúde a partir de diferentes perspectivas disciplinares. Espero que esta série de diálogos dê a vocês, ouvintes, uma oportunidade e espaço para saírem da sua rotina diária e contemplarem os problemas globais de saúde através de uma lente diferente. Então, vamos começar. Neste episódio de diálogo, junto-me alguém cuja voz e trabalho muitos de vós reconhecerão. A Dra. Joanne Liu é uma médica de emergência pediátrica canadiana e líder de longa data no mundo da saúde humanitária. Ingressou pela primeira vez na organização Médicos Sem Fronteiras em 1996 e, desde então, trabalhou em mais de trinta missões de campo em países de todo o mundo. De 2013 a 2019, foi presidente internacional da organização. Hoje em dia, é professora na McGill University School of Population and Global Health, onde lidera pesquisas sobre preparação para pandemias e resposta a emergências. Nesta conversa, tive o privilégio de falar com a Joanne sobre o seu novo livro, “Ebola, Bombs, and Migrants”. É uma reflexão poderosa sobre a sua jornada de liderança e o que realmente significa demonstrar solidariedade global para os mais vulneráveis. Olá Joanne, bem-vinda à Global Health Matters.

**Joanne Liu** [00:02:55] Olá Garry.

**Garry Aslanyan** [00:02:56] Então, o teu livro Joanne revela-te como uma pessoa profundamente orientada pelos valores. Podes dizer-me um pouco que experiências da tua educação moldaram esses valores fundamentais para ti?

**Joanne Liu** [00:03:11] Fui criado num restaurante chinês. Os meus pais imigraram no final dos anos 50 e, naquela altura, quando estavam a imigrar no Canadá, tínhamos duas opções como asiáticos, provavelmente eram ter uma lavandaria automática ou ter um restaurante. Os meus pais decidiram por um restaurante, por isso cresci num restaurante e acho que os valores fundamentais eram trabalhar arduamente, ser, eu diria, muito leal a quem trabalhavam e a integridade, suponho, era o básico.

**Garry Aslanyan** [00:03:47] E aos 19 anos, tomaram uma decisão ousada de levar cuidados médicos a locais onde, de outra forma, eram inacessíveis. O que realmente alimentou essa determinação e determinação em tão tenra idade, Joanne?

**Joanne Liu** [00:04:02] Bem, acho que quando era adolescente, estava profundamente convencido de que era muito, muito privilegiado por ter crescido no Canadá e ter acesso a cuidados e educação gratuitos. Por isso, eu estava bastante convencido de algumas leituras quando era adolescente que

precisávamos trazer algum tipo de justiça a este mundo. Decidi depois de voltar de uma estadia na África Ocidental, que queria ser médica e ir trabalhar no estrangeiro.

**Garry Aslanyan** [00:04:41] Achei muito interessante que tenhas começado a tua jornada com Médicos Sem Fronteiras, MSF ou Médicos Sem Fronteiras como estagiário. É realmente um exemplo interessante, uma prova de que o início realmente pequeno nunca deve ser subestimado. O que inicialmente o levou a trabalhar com MSF Joanne?

**Joanne Liu** [00:05:04] Penso que quando se começa a sua viagem como um trabalhador humanitário, muitas vezes diria apenas com quem quer que seja, só quer ir para o estrangeiro de alguma forma, mas eu tinha lido bastante sobre a organização e pensei que o facto de MSF, Médicos Sem Fronteiras, parecer ser uma organização que poderia ter uma ação independente e depois poder testemunhar sobre o que estavam a fazer e a ver, foi uma chamada para mim. Queria ter a certeza de que poderíamos agir, mas se estivéssemos a ver coisas que não eram razoáveis, podemos basicamente falar sobre isso.

**Garry Aslanyan** [00:05:45] E talvez alguns dos nossos ouvintes não saibam realmente o que MSF faz e como a sua missão se aproxima tão da sua. Poderia talvez dar uma pequena ideia da história de MSF e da sua missão?

**Joanne Liu** [00:06:01] Portanto, a história tornou-se quase como um mito mas, basicamente, MSF surgiu da crise da crise de Biafra na Nigéria nos anos 70. Naquela altura, havia médicos que trabalhavam para a Cruz Vermelha e viram que, sim, havia uma fome maciça. E lembrem-se, a fome na Nigéria naquela altura foi a primeira a atingir os meios de comunicação social. Era a primeira vez que víamos, em tempo real, filhos, pai, mãe, a morrer, basicamente na televisão, e por isso ressoou em todo o planeta. Os médicos que lá estiveram com a Cruz Vermelha perceberam que, sim, havia fome, mas parte dela foi amplificada por algum deslocamento político da população. Por isso, acabaram de dizer, não podemos simplesmente ir e preocupar-nos e não dizer nada sobre o que está a acontecer. Então, decidiram criar MSF e basicamente, os médicos vão trazer cuidados médicos em tempos de crise, mas também não serão como a Cruz Vermelha naquela altura, incapazes de falar sobre isso. Mas na sua Carta, temos algo a dizer que vamos testemunhar também o que vemos e o que fazemos. Isto é o que era em 1971, mas hoje, os Médicos Sem Fronteiras, os Médicos Sem Fronteiras, tornaram-se num movimento em todo o planeta, e engloba uma força de trabalho de 65 000 pessoas, o orçamento operacional anual de cerca de 2,8 mil milhões de euros, e funciona em cerca de 70 países. Portanto, é uma das maiores organizações internacionais independentes de ajuda humanitária.

**Garry Aslanyan** [00:07:43] Certo. E depois acabou por se tornar o presidente de MSF, e uma das suas prioridades como presidente era criar uma organização anticolonial, anti-racista, inclusiva e diversificada. Talvez pudesse partilhar mais sobre este ideal e os desafios que estavam envolvidos em concretizá-lo quando era presidente.

**Joanne Liu** [00:08:05] Um dos desafios que continua a decorrer neste momento é o facto de ser uma organização que começou na Europa e um dos seus principais motores chama-se sem fronteiras. Portanto, a suposição é que, se forem buscar ajuda, atravessaram uma fronteira, então foram os funcionários internacionais que vão a algum lugar. Mas à medida que as coisas evoluíram, muitos dos nossos funcionários estão a ser contratados localmente e são pessoas altamente qualificadas e por isso era muito importante, a, fazer com que a organização percebesse isso, mas também garantir que estamos a capacitar as pessoas contratadas localmente, e é bastante claro hoje para uma equipa internacional que tem de nove a dez funcionários contratados localmente. E o que é interessante é

que a distribuição de energia não representava basicamente a percentagem da força de trabalho de onde vinham. Então, era para recorrer a um pouco do equilíbrio de poder entre o que está a acontecer na sede e o que está no terreno.

**Garry Aslanyan** [00:09:25] E quão fácil ou difícil foi, Joanne?

**Joanne Liu** [00:09:28] Foi um pesadelo, porque quando falamos de poder, ninguém quer largar o poder. Neste momento, os centros operacionais em Médicos Sem Fronteiras estão todos ancorados na Europa, excepto um que começou há alguns anos na África Ocidental, e estão a lutar. E isso vai com o facto de que também precisamos de ser economicamente autónomos, mas é muito difícil fazer angariação de fundos na África Ocidental. A realidade, as pessoas que deram a essas acções de ajuda humanitária são, na sua maioria, pessoas do Norte global. Mas a realidade, investimos o suficiente? Houve toda essa transição que precisava também para acontecer.

**Garry Aslanyan** [00:10:17] Certo, portanto, o financiamento proveniente do Norte continua a ter as suas implicações e a forma como as coisas se concretizam.

**Joanne Liu** [00:10:26] Bem, até certo ponto, mas penso que a organização se tem ajustado a isso. Lembro-me, há muito tempo, que a única vez em que se vê uma promoção ou um anúncio da organização, vê sempre este voluntário ou médico internacional, médico caucasiano a cuidar, e agora, se olhasse para o material promocional, ele mudou bastante. Contrataram médicos localmente a trabalhar e a salvar vidas. Isto é algo que levou vários anos a acontecer.

**Garry Aslanyan** [00:11:07] Interessante. Joanne, publicou recentemente um livro, “L’Ebola, Les Bombes, et les Migrants”, que basicamente relata as experiências notáveis e angustiantes dos seus anos em MSF. E particularmente como seu presidente, como acabou de mencionar, descreveu-o tanto como um trailer da vida real como um livro sobre esperança, apelando a um renovado senso de humanidade comum e solidariedade, o que o motivou a escrever este livro e porquê agora?

**Joanne Liu** [00:11:44] Bem, escrever um livro é, penso eu, a motivação alterada ao longo dos tempos. Inicialmente, pensei que esses seis anos à frente de MSF foram tão intensos que achei que seria bom relaxar um pouco e visitar um pouco do que aconteceu e refletir sobre isso e fazer isso através do exercício de escrever um livro. Mas a realidade é que o COVID aconteceu, e não escrevi o livro no ano em que deveria escrevê-lo, que era 2020. Acabei por estar bastante envolvido no combate à COVID-19. E assim terminei de escrever o livro vários anos depois, e então porque achei que era importante escrever, porque esses três eventos, que é a crise do Ébola na África Ocidental de 2014 a 2016, os ataques a hospitais com o exemplo chave do centro de trauma a ser atacado no Afeganistão em 2015, e a crise migratória que atingiu a Europa de uma forma mais de forma significativa em 2014, 2015. Pensei que eram um exemplo-chave de como o mundo reagiu ao que chamo crise transnacional através das lentes do medo e da segurança. E quando fazemos isso, penso que a minha premissa é que está a corroer os nossos mecanismos de solidariedade. E o que significa quando está a erodir os nossos mecanismos de solidariedade, significa que só reagimos como o norte global quando pensamos que estamos ameaçados. Assim, foi o que aconteceu com o Ébola na África Ocidental. Reagimos quando começámos a ter doentes infetados com o Ébola, repatriados na Europa e nos Estados Unidos. Para o hospital em conflitos, vemos o inimigo em todo o lado, mesmo no hospital, embora, de acordo com o direito internacional humanitário, os hospitais não sejam um alvo. E hoje retratamos os migrantes como uma ameaça, como uma ameaça à identidade, quando se trata do país de alguém, porque pensamos que está a pressionar o acesso a alojamento, sobre o acesso, a oportunidades de trabalho, então essa é a base desse livro. Escrevi-o também porque acho que hoje toda a gente parece tão

sobrecarregada com o que está a acontecer e ainda mais desde o início deste ano de 2025. E depois, eu diria que o meu outro nível de mensagem é que vale a pena experimentar. Vale a pena experimentar, mesmo que à partida, pensemos que não ganharemos nada nem muito pouco. Porque foi assim que fui criado, e é assim que MSF é, até certo ponto, combatemos-lhe, mesmo que não tenhamos a certeza se vamos ganhar e, e é porque vale a pena porque é a vida humana que está em jogo.

**Garry Aslanyan** [00:14:54] É uma atitude muito, muito boa. Obrigado por partilhar essa visão, Joanne. No início do seu livro, refletem sobre como o seu tempo em MSF o tornou mais humilde, transformando o seu idealismo outrora arrogante numa abordagem baseada em princípios humanitários e pragmatismo. Muito interessante. Podes partilhar mais sobre a evolução desta pessoa? Tenho a certeza de que os nossos ouvintes se beneficiariam de ouvir sobre isso e o que isso vos ensinou sobre o trabalho humanitário eficaz que realizaram, e tenho a certeza de que estão a planear fazer no futuro.

**Joanne Liu** [00:15:36] Bem, talvez não seja tão chique como você foi bem articulado, Garry. Mas lembro-me que, durante o Ébola, estive lá, eu e todo o resto das equipas de MSF a tentar convencer o mundo de que têm de vir e contribuir para ajudar a África Ocidental a combater o Ébola. Ninguém estava realmente a prestar atenção, mas foi em 2014, e foi um grande ano em termos de questões internacionais. Este é o ano em que a Crimeia foi anexada à Rússia. Este é um ano em que Gaza esteve sob ataque, e poderíamos prestar atenção ao que estava a acontecer na África Ocidental de uma comunidade a morrer desta febre hemorrágica. Então, toda vez que ia, e eu apenas dizia, sabe o que, é isso que está a acontecer. As pessoas estão a morrer de febre hemorrágica, há uma taxa de mortalidade de 50 a 70%. Tem de vir e ajudar. E ninguém reagiu realmente a isso. E então, de repente, alguém me disse, apenas disse: “É preciso mudar a nossa narrativa. Esta não é uma boa narrativa. Não, não chama a atenção. Por isso, numa reunião bilateral, comecei a conhecer pessoas na Internacional de Genebra, que é a casa permanente em Genebra, e também em Nova Iorque, e disse: “Ouçam, acho muito, muito difícil não quererem desenvolver as nossas capacidades para combater a febre hemorrágica. E isso é muito estranho que seja apenas, vai ser uma entidade que terá experiência prática e será MSF. E vocês, como nação, não terão nenhum know-how. O que é que vai fazer da próxima vez? E isso foi um motivador muito, muito melhor. E é aqui que, como estou a escrever no meu livro, e como Charles de Gaulle disse, os Estados não têm amigos. Têm interesses. E quando vêm os interesses, saltam para dentro.

**Garry Aslanyan** [00:17:38] John, vamos ouvir um extracto do teu livro.

**Joanne Liu** [00:17:44] A minha primeira reação foi recuar; para me retirar, tive a sensação de que estava a interferir numa conversa confidencial. Ultrapassando essas hesitações, sentámo-nos na sala. A senhora deputada Sirleaf e os membros do seu gabinete continuaram a discutir como se não estivéssemos lá. Uma ministra explicou que estava a regressar do campo e que um membro da sua família tinha acabado de morrer de Ébola. Outra pessoa disse que um dos membros da sua família também tinha sucumbido à doença. De repente, os participantes foram tomados por uma grande emoção coletiva, uma sensação de perda maciça, a necessidade de luto por todos aqueles que estavam a morrer. As pessoas estavam a soluçar e devastadas pelos danos que o Ébola tinha infligido às suas famílias, comunidades e países. Naquele exato momento, as suas palavras e os seus choro silenciosos revelaram o quão sobrecarregado o governo da Libéria estava com a situação.

**Garry Aslanyan** [00:18:46] A leitura que acabou de ouvir, conta a sua experiência na Serra Leoa, no auge da epidemia de Ébola. Descreve estar numa sala cheia de líderes governamentais,

testemunhando a sua dor avassaladora enquanto eles lidavam com a devastação que o Ébola infligiu às suas famílias, comunidades e país. Como foi sentar-se naquela sala, Joanne, rodeada por uma dor tão profunda, e o que é que tirou dessa experiência?

**Joanne Liu** [00:19:21] Bem, antes de mais, foi muito desconfortável e quase indecente. Estava a tentar tornar-me o mais invisível possível porque disse, estou num momento privado e não pertença a este lugar neste momento. Então isso era uma coisa. Mas também, o que estava claro, era uma homenagem ao quão avassaladora era a situação. E o quanto toda a gente foi afetada, de perto ou menos de perto. Por isso, foi muito, muito importante porque lembro-me depois disso, quando me encontrei com o Presidente Sirleaf, o que foi um encontro muito pessoal. Ela estava lá com um, o que chamamos, conselheiro. Eu estava lá com o chefe da missão de MSF e a pessoa encarregada da operação. Havia apenas cinco pessoas. Na maior parte do tempo, quando encontramos alguém a esse nível, temos 25 pessoas na sala mais a televisão, a minha missão era dizer ao Presidente Sirleaf que MSF chegou ao fim da sua corda e que não podíamos mobilizar mais. Quando vi isso, acabei de dizer, isto é tão indecente que não posso vir e dizer-lhe, ei, a propósito, não temos pessoas suficientes. Vamos retirar-nos. Então, olhei para ela e, de repente, ouço-me a dizer, Presidente Sirleaf, lamento muito o que aconteceu à sua nação. MSF está a construir este centro de Ébola, e deveríamos construí-lo e entregá-lo ao presidente. E eu disse, vamos construí-lo, vamos fazer o máximo que pudermos, e depois vou dizer-vos apenas isso, vou dar-vos apenas uma promessa, e essa promessa é, farei tudo o que puder para que o mundo saiba o que está a acontecer aqui. Vou usar a minha voz, o meu peso, a minha organização para dizer ao mundo. E foi assim que depois entramos naquilo a que chamamos uma viagem diplomática muito grande para convencer o mundo de que tinha de aparecer na África Ocidental. E foi assim que fomos convidados para a Assembleia Geral da ONU e depois disso é história porque Barack Obama prometeu 3 000 IG, eles construíram, sabe, 100 Centros de Ébola. Isso fez uma grande diferença? Mas o que fez é que, de repente, o mundo prestou atenção, e isso faz uma enorme diferença.

**Garry Aslanyan** [00:22:08] Só estou a pensar que ela também, a presidente, não parou depois de promover, sabe, a preparação para os países, para a pandemia, etc. Ela continua muito ativa na tentativa de convencer os governos de que precisam de estar preparados. Ela deve ter aprendido uma lição com essa experiência.

**Joanne Liu** [00:22:27] Sim, porque o Presidente Sirleaf e eu trabalhamos juntos no Painel Independente de Preparação e Resposta à Pandemia. Continuamos a trabalhar juntos regularmente. E sim, isso é algo que a marcou profundamente. Ela estava muito, muito empenhada na luta contra o Ébola, e depois acreditou fortemente que a melhor maneira de fazer o bem é preparar-se durante o tempo de inatividade. Ela é uma grande defensora para que as pessoas continuem a fazer preparação e resposta à pandemia.

**Garry Aslanyan** [00:23:02] Joanne, enfatiza a importância da auto-reflexão e da autocrítica nos esforços globais de saúde. Na sua opinião, a comunidade global de saúde envolveu adequadamente este tipo de discussão após a pandemia de Ébola? E as consequências da pandemia COVID que tivemos?

**Joanne Liu** [00:23:24] Bem, acho que depois do surto de Ébola em 2014, 2016, o que aconteceu foi que as pessoas perceberam: “Oh meu Deus, é assim que uma ameaça biológica global pode parecer. Porque antes disso, as pessoas diziam: “Acho que provavelmente tinham lido o livro das Hot Zones e tinham alguma fantasia na cabeça, mas de repente tornou-se real. Pessoas que usam EPI, que são equipamentos de proteção individual, e vão parecer astronautas a andar no hospital. Então, de

repente, capturou a imaginação das pessoas. Então, acho que, para isso, o Ébola trouxe esse nível de consciência. A outra coisa que trouxe em termos de consciência coletiva, consciência, é o facto de dizermos, oh meu Deus, não estamos preparados como um todo. Sabem, se algo acontecer, ainda não conseguimos trabalhar juntos e é por isso que depois disso houve iniciativas diferentes mas uma das coisas que acabou por ser um enorme e grande legado para a COVID-19 é o facto de as pessoas dizerem que quando algo assim vai acontecer à escala do planeta vamos ter de nos unir e vamos precisar de partilhar em tempo real a informação de que dispomos. E foi assim que o genoma, a sequência, a sequência genómica do COVID-19 foram partilhados muito cedo, e também acabamos por ser capazes de produzir, como dizemos, contramedidas médicas em tempo recorde porque reunimos o nosso conhecimento e o partilhamos em tempo real. Isto é algo muito importante, e as pessoas tendem a esquecer, mas esse é o legado do Ébola. Permite-nos ser um pouco mais reativos ao COVID-19.

**Garry Aslanyan** [00:25:15] Joanne, vamos ouvir outro extracto do teu livro.

**Joanne Liu** [00:25:19] Depois da tragédia em Kunduz e dos acontecimentos que se seguiram aos bombardeamentos, perdi a minha ingenuidade, a minha “virgindade humanitária”. Até então, estava convencido de que se jogássemos as regras, se fôssemos transparentes sobre o nosso trabalho, por exemplo fornecendo aos exércitos envolvidos as coordenadas dos nossos hospitais, estaríamos protegidos. Kunduz provou o contrário. Fiquei profundamente magoado. Penso no que uma ex-diretora do serviço secreto britânico, Elizabeth Lydia Manningham-Buller, que se tornou presidente da organização filantrópica Wellcome Trust, disse-me alguns dias depois do ataque: “um dia, terá de aceitar uma versão dos factos e aprender a conviver com essa versão dos acontecimentos”. Ou seja, nunca teríamos o fim da história.

**Garry Aslanyan** [00:26:12] Portanto, esta leitura conta como a sua chamada virgindade humanitária foi destruída depois de perceber que o seu trabalho não estaria protegido se seguisse as regras e operasse de forma transparente. Estão a referir-se a um incidente em que os militares americanos bombardearam por engano o hospital de MSF em Kunduz, no Afeganistão. Joanne, os ataques a este hospital, ceifaram cerca de 42 vidas e deixaram 30 outros feridos. Em resposta, sentiu uma profunda responsabilidade em responsabilizar os que estavam no poder, especificamente o governo dos EUA em nome de MSF. Como foi essa experiência no seu trabalho, quando e como a diplomacia se mostrou eficaz na crise humanitária?

**Joanne Liu** [00:27:06] Bem, deixe-me reagir a algumas das suas palavras. A realidade não é que eu quisesse especificamente trazer os EUA. responsáveis pelo que fizeram por se. Mas foi mais sobre o facto de haver uma tendência ao longo desses anos em 2014, 2016, que estava a fixar-se no facto de os hospitais estarem a tornar-se de alguma forma um alvo legítimo em tempos de conflitos. Tomámos o exemplo de Kunduz, na parte nordeste do Afeganistão, porque o que era especificamente diferente deste é o facto de haver cinco ataques aéreos, e não conseguimos detê-lo enquanto acontecia. Chamámos o Pentágono, chamámos a ONU, chamamos a Cruz Vermelha, somos chamados de forças afegãs sem sucesso. Não conseguimos travar os ataques. Foi um ataque preciso. 5 ataques precisos ao edifício principal do centro de trauma de Kunduz. Então, morreram 42 pessoas, 14 dos nossos funcionários, o diretor do hospital. Ficámos muito, muito chocados. Estávamos muito zangados e estávamos de luto. Então, quando isto aconteceu, descobri que, A, precisávamos descobrir o que realmente aconteceu. Portanto, a primeira coisa que pedimos era uma investigação independente, era uma investigação humanitária, a investigação humanitária internacional para apurar factos. E isso só pode acontecer se os países envolvidos nele concordarem basicamente que essa investigação aconteça, principalmente os EUA e o Afeganistão. E nunca, nunca decidiram concordar que esta

investigação acontecesse. Para nós, houve isso, porque acreditamos que não pode ser juiz e júri ao mesmo tempo. Portanto, isso é uma coisa. Mas a outra coisa que me fez, não só eu mas o resto do movimento, querer fazer algum barulho sobre isso foi o facto de não podermos deixar que esta tendência se tornasse as novas normas. As novas normas de saber o que pode bombardear um hospital e não haverá consequências para isso. Impunidade total, e as minhas equipas que trabalhavam na linha de frente da crise, naquela altura, no Líbano, na Síria, no Sudão, no Sudão, na RDC, na República Centro-Africana, onde arriscam a vida todos os dias, acabei de dizer, vamos ir o mais alto possível em termos de governação da segurança para dizer ao mundo que isso não pode acontecer. E embora saibamos que as palavras não vão salvar vidas, pensei e estava a apoiar o facto de que pressionaríamos por uma resolução para a proteção da missão médica, missão médica ou seja, o paciente, o trabalhador, o profissional de saúde, o médico, os enfermeiros, mas também a infraestrutura, o hospital, as ambulâncias, o equipamento, não podem ser alvo e não pode ser um alvo legítimo. E foi isso que fizemos com a aprovação da resolução 2286 a 3 de maio de 2016, é lembrar às pessoas que era a regra e nada mudou. Naquela altura, sabiam, havia uma sensação de, eu diria, temporária, eu diria, vitória, porque ele foi votado por unanimidade pelo Conselho de Segurança da ONU e foi apoiado por 80 países, incluindo o Canadá. Mas a realidade é que isso aconteceu em maio de 2016, a ONU. O secretário-geral foi incumbido de voltar no outono com um projeto para operacionalizar a resolução. E quando voltou no outono, a resolução nunca foi aprovada. O plano de autorização nunca foi passar a votação, e foi apenas esquecido. E o hospital continuou a ser bombardeado, e vemos o que está a acontecer agora na Ucrânia e está a acontecer na Faixa de Gaza.

**Garry Aslanyan** [00:31:40] Portanto, a última parte do livro é Os Migrantes. Destaca a crise de refugiados em curso, a emergência humanitária que testemunhou em primeira mão durante muitas das suas missões e trabalhos. Trabalha para garantir que as pessoas deslocadas continuem a receber os cuidados de que precisam, mesmo quando as narrativas motivadas pelo medo que mencionou ameaçam corroer a solidariedade humana, tal como durante o surto de Ébola. Como podemos reconstruir a solidariedade com as populações vulneráveis, ao mesmo tempo que abordamos preocupações mais amplas sobre a segurança?

**Joanne Liu** [00:32:23] Hoje, é muito, muito difícil falar de migrantes. Parece ser um tema muito divisivo, sobretudo para os políticos. Posso ver isso agora no Canadá, sempre que lhes perguntam sobre falar de migrantes, todos dizem que não podemos acolher a miséria do mundo. Foi o que disse um dos nossos líderes. Então, é por isso que, em 2018, um processo liderado por Louise Arbour, juíza do Canadá, que costumava ser a Alta Comissária para os Direitos Humanos e ex-procuradora do TPI para a Jugoslávia, disse que precisamos de algumas regras básicas e foi assim que aprovamos o pacto duplo sobre a migração. Basicamente, dissemos naquela altura que devia ser ordenado, seguro e regular. Portanto, se de alguma forma aplicássemos as ideias básicas disso, provavelmente estaríamos numa posição melhor hoje. A realidade é que, desde o início dos tempos, as pessoas têm andado a mexer. O ser humano vai mover-se. Vai mover-se para a sua sobrevivência. Se num sítio ele acha que não pode sobreviver, vai mover-se. Não só os seres humanos fazem isso, mas os animais também o fazem. São coisas básicas. Portanto, não pensar que as pessoas não podem mover-se, não é estar ligado ao mundo. E hoje, penso que é muito importante porque, à medida que aumentamos o fosso entre ricos e pobres, isso vai acontecer ainda mais. Então, como podemos restaurar alguma humanidade? E acredito profundamente que se não reconhecerem, é a isto que chamo a nossa humanidade comum, o humano no migrante, estão a negar a nossa própria humanidade. Se não reconhecermos que alguém que foge para a vida precisa de proteção, tem necessidade de acesso a cuidados, precisa de respeito e dignidade, então não se respeitará a si próprio. Então, para mim, essa é a coisa mais básica. E estou muito consciente de que não pode ser como um open bar e tem de haver algumas regras e tem de haver algo que tem de ser respeitado. Mas a única coisa que todos podemos

fazer em qualquer posição que estejamos, e especialmente se estivermos em posição de poder e influência, é falar de migrantes com dignidade.

**Garry Aslanyan** [00:35:14] Trabalhando por tanto tempo com MSF e vocês tiveram tantas missões diferentes e zonas de crise, incluindo os lugares em que mencionou Haiti, Ucrânia, RDC, Gaza, Síria. Viste muita devastação. Como é que continuamos a encontrar a beleza no mundo e a manter a esperança entre os vivos e para o nosso planeta?

**Joanne Liu** [00:35:37] Bem, apesar de tudo, há sempre beleza em todo o lado, e a vida continua. Se vamos caminhar num campo de refugiados sírios na Jordânia, na Jordânia, ou num campo de deslocados na RDC, as pessoas continuam a viver e as crianças continuam a brincar. Portanto, há beleza em todo o lado, e com razão, e espero que sim, e é importante lembrar-nos que a vida continua e que todos nós temos a capacidade de dar esperança e muitas vezes conto essa história porque ela realmente fica comigo. Durante a guerra na Chechênia, no final dos anos 90, MSF estava a trabalhar em locais diferentes e, a certa altura, tivemos de nos retirar porque alguns dos nossos colegas foram raptados e temos de, de alguma forma, reduzir o nosso trabalho. E depois lembro-me que fui atrás da guerra e depois fui visitar uma aldeia, e uma mulher veio ver-me, e ela disse: oh, MSF, MSF, e ela disse: “Eu queria vir cumprimentar-vos. Disse que está bem, ela diz, sabes o quê, não vieste durante a guerra na nossa aldeia. Eu disse oh, desculpe. Mas ela olhou para mim e disse não, não, não se arrependam, porque toda vez que víamos o seu Land Rover a passar, eu dizia aos meus filhos, o mundo não nos abandonava. É tão importante, o que quer que possamos fazer aqui, e fazemos em apoio a uma população noutra lugar que está à beira da implosão ou num momento muito difícil, as pessoas podem ver isso agora porque estamos tão interconectados e interdependentes que faz a diferença. E, sabem, podemos continuar a dizer que a nossa pior coisa que temos como seres humanos, é sempre a esperança, porque isso faz com que às vezes passemos por tanta provação. Mas, por outro lado, é isso que nos permite seguir em frente. Por isso, acredito firmemente que é a ação que traz esperança, e essa esperança que traz ação. Por isso, encorajo qualquer um que esteja a ouvir o podcast a pensar e a decifrar-se, o que pode fazer para trazer esperança, na família, neste setor ou de forma mais ampla.

**Garry Aslanyan** [00:38:14] Em linha com a frase que usou no livro, que basicamente é “*Tout sauf baisser les bras*”, que significa tudo menos desistir e trabalhar realmente como uma comunidade global para assumir riscos e resignar-se à inação. Joanne, alguma observação final sua antes de nos despedirmos?

**Joanne Liu** [00:38:37] Bem, a minha observação final é que acredito firmemente que, mesmo que neste momento estejamos num momento de baixa para a saúde global em geral, acho que é uma oportunidade, até certo ponto, de mudar algumas das coisas profundas que achamos que não são justas neste ecossistema e, basicamente, mudar alguns dos seus fundamentos. Haverá um lado positivo, e espero sinceramente que as pessoas não desistam. É importante continuar a tentar, mesmo que o que temos para oferecer não seja perfeito. Como sempre digo, a solução imperfeita é melhor do que nenhuma solução, desde que não estejamos complacentes com esta imperfeição e continuemos a tentar mais.

**Garry Aslanyan** [00:39:24] Obrigado Joanne, por se juntar a nós hoje e partilhar as suas opiniões e partilhar os bastidores do seu novo livro. Obrigado mais uma vez por passar o tempo connosco hoje.

**Joanne Liu** [00:39:36] Muito obrigado.

**Garry Aslanyan** [00:39:40] Esta conversa com a Joanne deixou-me com três faíscas que moldam a forma como vou pensar sobre a saúde global daqui para frente. Em primeiro lugar, a Joanne encoraja-nos a escolher a acção em vez da paralisia. Ela envia um aviso claro sobre o cinismo e o medo que estão a corroer a nossa solidariedade global e exorta-nos a não ceder à apatia. Uma solução imperfeita é melhor do que nenhuma solução. E toda a vida humana merece uma tentativa. Em segundo lugar, através da sua jornada como presidente de MSF, mostra que as desigualdades estruturais não são imóveis, mas negociáveis. Revisitar a narrativa pela qual procuramos trazer mudanças é uma maneira de garantir que as pessoas necessitadas recebam a ajuda de que precisam. Por último, Joanne enfatiza a esperança como um dos bens mais valiosos, quer estejamos a costurar feridas no terreno ou a moldar políticas na sala de reuniões, cada um de nós tem a capacidade de incutir esperança de mudança noutra. Para saber mais sobre o tema discutido neste episódio, visite a página do episódio onde encontrará leituras adicionais, notas de programa e traduções. Não se esqueça de entrar em contacto connosco através das redes sociais, e-mail ou através da partilha de uma mensagem de voz. E não se esqueça de subscrever ou seguir-nos onde quer que receba os seus podcasts. Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de investigação co-patrocinado pelas Nações Unidas baseado na Organização Mundial da Saúde. Obrigado por ouvir.